

vemos aconselhar alguns médicos à priora de Sevilha³⁷⁵ construir conventos, se interessar pelos progressos espirituais de suas irmãs, etc. Chegar à sétima morada para Teresa significa justamente «produzir obras e mais obras».³⁷⁶ Eis a etapa final deste estado e a vida de nossa autora é um testemunho por excelência. Este novo modo de vida produz uma profunda solidão e ao mesmo tempo uma abertura para o mundo.

A alma que chega a seu centro exerce, a despeito dela mesma e simplesmente por sua presença, uma potência benfeitora e libertadora em torno dela.³⁷⁷ Este estado, assim como o estado de temor de Deus, não tarda a se manifestar. «O proveito espiritual do próximo (para os que chegaram ao centro) é seu objetivo e nada mais».³⁷⁸ No fim de sua vida, ela se considera plenamente realizada através de uma obra que marca a Espanha do seu século. E' por isso que pôde dizer: «Agora, minha filha, eu posso falar como São Simeão, pois eu vi se realizar pela Ordem da Virgem Nossa Senhora o que eu desejava; portanto, eu vos peço, eu vos imploro para não mais implorar, nem pedir que eu viva, mas que eu tenha repouso, pois eu não sou mais útil doravante».³⁷⁹

Tal é o estado em que vivia Teresa de Ávila no fim de sua vida. Ela antecipou sobre a terra alguma coisa da felicidade eterna. Arriscou tudo, e tudo ganhou para desfrutar a soberana liberdade interior... «não há escrava que não deva estar disposta a tudo arriscar para se redimir e retornar à sua pátria. Marchar sem parar é o verdadeiro caminho, pois não poderemos chegar à plena posse de um tão rico tesouro senão no fim da nossa vida».³⁸⁰ Este estado psicológico é «o céu sobre a terra»,³⁸¹ a descoberta de uma pequena parte do reino e este reino é a vida em Deus.³⁸²

Tal é o estado psicológico da alma quando o centro se torna uma totalidade vivente. A alma torna-se o centro da alma que se confunde de alguma maneira com a divindade. Ela está «mergulhada nesta incomparável grandeza de Deus»³⁸³ e vê como «todas as criaturas se vêem em Deus e como ele encerra todas em Si».³⁸⁴ A vida do homem neste centro da alma é sinônimo de viver «no palácio imenso que é o próprio Deus».³⁸⁵

³⁷⁵ Correspondance, Lettre CCCLXXXV, 8 de novembro de 1581.

³⁷⁶ Moradas 7,IV-2.

³⁷⁷ Camino XLI-4/5.

³⁷⁸ Cantares VII-5.

³⁷⁹ Correspondance, Lettre CCCLXI, março de 1581.

³⁸⁰ Vida XVII-8.

³⁸¹ Moradas 5,I-2.

³⁸² Moradas 6,IV-9.

³⁸³ Cantares IV-4.

³⁸⁴ Moradas 6,X-2; Vida XL-9.

³⁸⁵ Moradas 6,X-3.

Conclusão

No início de nosso estudo estabelecêramos que era necessário seguir três critérios a fim de interpretar os escritos de Teresa dos pontos de vista simbólico e psicológico. Deixamos, agora, à crítica do leitor o cuidado de nos dizer se soubemos respeitá-los ao longo de nosso estudo. Quanto a nós, pareceu-nos que o centro da alma, tal como foi vivido por Teresa e relatado principalmente numa exposição de Don Alfonso Velásquez, em maio de 1581,¹ corresponde às descrições psicológicas e simbólicas que ela própria fez na sua obra e que tentamos explicitar. Existe uma coerência entre as significações subentendidas no conjunto de símbolos do centro da alma e as expressões filosóficas, teológicas e bíblicas que utiliza para descrever a mesma realidade. Embora os símbolos que utiliza para descrever a mesma realidade, todos se referem ao centro e formam neste sentido um todo coerente ao nível da linguagem. São a expressão imagética de diferentes aspectos de uma mesma realidade.

Mas, fique claro, cada símbolo, exprimindo o centro da alma enquanto tal, contém, também, uma significação própria que não se encontra nos outros. Este é o motivo pelo qual Teresa sentira a necessidade de recorrer a uma tal pluralidade de símbolos para descrever a diversidade e a riqueza de uma só e única realidade, o centro.

Teresa não apenas recorreu a símbolos, mas foram, por assim dizer, impostos a ela. Nosso estudo da origem da linguagem simbólica nos permitiu afastar o dilema proposto pelas duas correntes de interpretação: a cultural (influência exterior) e a antropológica (influência interior). Com efeito, se nos colocarmos no interior da perspectiva do centro, tudo é visto numa unidade totalizante, ao mesmo tempo individual e cósmica, não havendo mais exterior nem interior. A alma que atingiu seu centro transcende todas as categorias de percepção.

¹ Relaciónes VIII.